

IMAGENS DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: QUE EXPERIÊNCIAS ATRAVESSAM OS CURRÍCULOS?

IMAGES FROM RESEARCH IN EDUCATION: WHAT EXPERIENCES CROSS THE CURRICULA?

IMÁGENES DESDE LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: ¿QUÉ EXPERIENCIAS TRANSCURREN LOS CURRÍCULOS?

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-005>

Data de submissão: 05/07/2025

Data de publicação: 05/08/2025

Andréa Scopel Piol

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: andrea.scopel.piol@gmail.com

Janete Magalhães Carvalho

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: janete.carvalho0112@gmail.com

Jair Miranda de Paiva

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/CEUNES)

E-mail: jair.paiva@ufes.br

RESUMO

As pesquisas em educação abrem possibilidades às experimentações estéticas da inventividade nas experiências curriculares com crianças, infâncias, professores/as nas escolas públicas brasileiras, possibilitando a criação de outros modos de pensar os currículos, as docências, os processos formativos, a educação. Nessa perspectiva, este artigo objetiva problematizar as experiências curriculares que se potencializam no encontro com as pesquisas educacionais publicadas em teses e dissertações defendidas em cursos de pós-graduação em educação no campo dos currículos escolares, entre 2015 e 2021, no ambiente de pesquisa da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Trata-se de uma pesquisa documental-bibliográfica que analisou resumos de 77 pesquisas publicadas durante esse corte temporal, sendo selecionados 08 para essa composição. Os resultados apontam para a resistência de um compromisso ético, estético e político que já habitam os múltiplos modos de experimentação na educação, na docência, nos currículos, na formação de professores/as, afirmindo composições de encontros coletivos que afetam corpos num modo inventivo de existência.

Palavras-chave: Pesquisas em Educação. Currículos. Experiências.

ABSTRACT

Educational research opens up possibilities for aesthetic experiments in inventiveness in curricular experiences with children, childhoods, and teachers in Brazilian public schools, enabling the creation of new ways of thinking about curricula, teaching, training processes, and education. From this perspective, this article aims to problematize the curricular experiences that are strengthened by the

encounter with educational research published in theses and dissertations defended in graduate education programs in the field of school curricula between 2015 and 2021, in the research environment of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). This is a documentary-bibliographic study that analyzes abstracts of 77 studies published during this period, eight of which were selected for this composition. The results point to the resistance of an ethical, aesthetic and political commitment that already inhabits the multiple modes of experimentation in education, teaching, curricula, and teacher training, affirming compositions of collective encounters that affected bodies in an inventive mode of existence.

Keywords: Research in Education. Curricula. Experiences.

RESUMEN

La investigación educativa abre posibilidades para experimentos estéticos de inventiva en experiencias curriculares con niños, infancias y docentes en escuelas públicas brasileñas, posibilitando la creación de nuevas formas de pensar el currículo, la enseñanza, los procesos de formación y la educación. Desde esta perspectiva, este artículo busca problematizar las experiencias curriculares que se fortalecen a partir del encuentro con la investigación educativa publicada en tesis y dissertaciones defendidas en programas de posgrado en el campo de los currículos escolares entre 2015 y 2021, en el ámbito de investigación de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD). Se trata de un estudio documental-bibliográfico que analiza resúmenes de 77 estudios publicados durante este período, ocho de los cuales fueron seleccionados para esta composición. Los resultados apuntan a la resistencia de un compromiso ético, estético y político que ya habita en los múltiples modos de experimentación en educación, enseñanza, currículo y formación docente, afirmando composiciones de encuentros colectivos que afectaron los cuerpos en un modo inventivo de existencia.

Palabras clave: Investigación en Educación. Currículos. Experiencias.

1 A POTÊNCIA DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO¹

Escolas. Pesquisas. Currículos. Crianças. Infâncias. Que mundos são inventados na infância? Que vidas se potencializam no encontro com outros corpos? De que modo se operam os movimentos que atravessam os currículos? Que linhas de escrita se lançam nas experiências de teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em educação? Poderíamos afirmar composições de encontros coletivos que afetam corpos num modo inventivo de existência?

Ao abrir outros espaços em nossas pesquisas acadêmicas, no intuito de tomá-los como potência de criação, de liberdade de vida, como pontua Paiva (2016), nos lançamos, permitimo-nos estar no meio de um terreno desconhecido, sem direções, um espaço liso, um não-lugar, considerando-nos como um infante nos atravessamentos que envolvem muitas vidas em modos diferenciais de experimentação. Desejamos, pois, operar uma relação em um tempo sensível, atento, inquieto. Engendrar outros espaços-tempos pelas linhas de forças que transitam entre essas pesquisas em currículos com crianças e docentes nos cotidianos escolares. Quiçá, é possível emergirem em nós afetações e sensações ao nos deslizarmos nessas imagens-pesquisas? Poderia um devir-criança se perder, ao aventurar-se, nas linhas de escrita dessas pesquisas em currículos?

Imagen 1 – Experiência, literatura, infâncias



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

¹ Este artigo retoma ideias da Revisão de Literatura apresentada na Tese de Doutorado em Educação – *Poéticas de Infâncias: fabulações de crianças em currículos e experiências* –, defendida e aprovada em julho de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nesse sentido, este artigo objetiva problematizar as experiências curriculares que se potencializam no encontro com as pesquisas educacionais publicadas em teses e dissertações que despontam no terreno educacional nesse campo do conhecimento. Tomamos como afirmação que, nessas pesquisas, a dimensão da infância, da criança, da docência e do currículo aparecem como experiência ética e estética, potencializada na inventividade dos encontros, na arte das experimentações, nas práticas de liberdade, nos modos possíveis de vida nas pesquisas em educação nas escolas públicas brasileiras. Para o levantamento bibliográfico desse estudo, buscamos teses e dissertações defendidas em cursos de pós-graduação em educação no campo dos currículos escolares, entre 2015 e 2021, no ambiente de pesquisa da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira, sem, no entanto, esgotar as fontes de investigação. Essa comunidade acadêmica tem-se consolidado como uma importante base para dar visibilidade aos resultados de pesquisas de teses e dissertações brasileiras de ensino e pesquisa, uma rede de grande potencialidade de estudos.

Para a composição desse trabalho, que aposta na “filosofia da diferença”, encontramos nos estudos de revisão de literatura um campo aberto que se movimenta em velocidades variadas, o qual, para Deleuze-Guatarri (1995, p. 22), é um mapa aberto e composto de diferentes linhas, “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...]. Assim, ao adentrarmos os estudos de revisão de literatura, somos convidados a traçar algumas linhas que mapeiam as pesquisas acadêmicas em currículos nos cotidianos de escolas, assim como suas apostas, aberturas, composições, efeitos, conexões, exploradas por essas pesquisas produzidas no campo educacional brasileiro.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de abordagem documental-bibliográfica que, ante os descritores *currículo, infância, cotidiano*, toma como objeto de estudo um total de 77 pesquisas que despontaram nesse terreno educacional numa primeira busca. E, no intuito de traçarmos algumas linhas, realizamos, inicialmente, a leitura de títulos, resumos, palavras-chave e sumários, cabendo, aqui, escrever alguns traçados pensados e explorados nesses trabalhos do campo educacional. Podemos correr riscos, ao fazermos apontamentos categóricos dos trabalhos explorados nessas pesquisas, entretanto, estas apontavam as práticas e estudos de: a) medicalização voltada à infância, à terapia educacional, às funções psicológicas; b) cunho teórico bibliográfico, aquelas que privilegiem análises de saberes, discursos e descrições, conhecimentos embasados em documentos oficiais, políticas educacionais de currículos, implantação de propostas curriculares, direitos de aprendizagem e desenvolvimento na BNCC, papel social da escola, processos de avaliação; c) redes privadas, no ensino

superior, no ensino médio, na educação de jovens e adultos; d) cotidianos escolares, currículos, processos formativos de professores/as, infâncias, educação infantil, ensino fundamental, invenções curriculares, processos aprendentes, experimentações com crianças e professores.

Registrados, aqui, que alguns trabalhos se encontram muito afastados entre si, enquanto outros se aproximam; outros, ainda, parecem potencializar vidas outras de crianças e docentes nas escolas. Pois bem, muita diferença, potência, estranhamentos, distanciamentos, inquietações, criação, alegria, tristeza, deslizes, deslocamentos, análises, discursos, modelos, imagens que tocam, afetam e nos fazem perder a certeza dos caminhos seguros. Descartamos aquelas que, a princípio, se distanciam muito das perspectivas do projeto pensado para a tese descrita na nota 1. E, desse modo, sobressaem como uma segunda busca: 19 pesquisas para uma atenção mais cuidadosa.

Entretanto, desejaríamos, ainda, as produções que apontam a abertura, as invenções, os modos diferenciais de fazer pesquisa nas escolas, com crianças e docentes, podendo dialogar e potencializar, de um modo ou de outro, esse trabalho. Assim, excluímos aquelas pesquisas que privilegiam análises e descrições de práticas de professores/as, problematizações de “verdades curriculares”, “práticas democráticas”, opiniões de professores/as, conhecimentos considerados “legítimos”, representações culturais e relações de gênero. Então, nessa terceira busca, selecionamos (08) oito pesquisas para compor com elas: três teses de doutorado e cinco dissertações de mestrado, conforme apresentamos na tabela 1.

Tabela 01 – Teses e dissertações selecionadas para a revisão de literatura – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

ANO	AUTORIA/PPG	TÍTULO	PRODUÇÃO DE DADOS
2015	Suzany Goulart Lourenço Dissertação - Ufes	A força-invenção da docência e da infância nos processos de aprenderensinar	Cartografia e pesquisas com os cotidianos escolares
2016	Kelry Leão Oliveira Dissertação - UFPA	Um currículo dança? Perspectiva pós-crítica de currículo e infância a partir dos projetos de linguagens da UEI Cremação, Belém-PA	Metodologias Pós-Críticas em Educação com observação cotidiana
2016	Maria Riziane Costa Prates Tese – Ufes	A força revolucionária das experimentações políticas de amizade, alegria e grupalidade nos currículos e na formação de professores da educação infantil	Cartografia em redes de conversações
2017	Ana Paula Braz Maletta Tese - PUC Minas	O currículo pensado para, por, entre e com as crianças: aproximações e distanciamentos entre o contexto brasileiro e o português	Estudo etnográfico com descrição dos fenômenos
2018	Tamili Mardegan da Silva Dissertação - Ufes	Os entrelugares educação infantil-ensino fundamental: o que podem os currículos tecidos com os cotidianos das escolas?	Pesquisas com os cotidianos escolares
2019	Andréia Regina de Oliveira Camargo Tese – UNESP	Foto-grafando infâncias: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil	Cartografia

2019	Camilla Borini Vazzoler Gonçalves Dissertação - Ufes	As fabuloinvenções das crianças nos agenciamentos dos currículos	Cartografia
2019	Thaís Monteiro Ciardella Dissertação - FEUSP	“As escolas são tudo igual – só muda a criança”: o ensino fundamental fotografado pelos alunos	Estudo microetnográfico com roda de conversa

Fonte: Produção da pesquisa a partir das teses e dissertações selecionadas no BDTD/IBICT.

Ao nos encontrarmos com uma multiplicidade de escritas, pensamentos e experiências, trazemos linhas de composição que nos afetam e nos convidam a pensar com elas e – quem sabe? – além delas. Parece que as escritas ora se lançam numa aventura, de um plano previamente estabelecido, uma rota traçada, ora se deslocam num plano de imanência e produzem seus achados. Elas nos oferecem algumas possibilidades de pensamentos, certamente há encontros que se abrem à experimentação, à invenção, ao devir-criança. Nesse enlace, compomos, com pensamentos outros, multiplicidades de vozes, experiências, imagens.

2 QUE EXPERIÊNCIAS AS PESQUISAS AFIRMAM?

As linhas traçadas nessas pesquisas de teses e de dissertações são diversas: A força-invenção nos processos de *aprenderensinar* (Lourenço, 2015); Experimentações políticas de amizade nos currículos e na formação de professores (Prates, 2016); Currículo desobediente em sua dimensão dançante (Oliveira, 2016); Currículo pensado para e com as crianças (Maletta, 2017); Currículo fotografado pelas crianças (Ciardella, 2019); Os currículos tecidos nos *entrelugares* (Silva, 2018); *Fabuloinvenções* de crianças nos currículos (Gonçalves, 2019); Currículos inventados com as fotografias da Malu (Camargo, 2019).

Interessa-nos, aqui, pensar nos modos de vida forjados por crianças, professores e suas infâncias, modos transgressores, modos que afetam, deslocam, agenciam. Um currículo que aspira à arte, aventura, infância, devir. Indagamos, então: O que brotam dessas pesquisas em suas linhas de escrita? De que modo elas se entrelaçam à infância, à criação, ao pensamento? Que vidas se potencializam no encontro entre infâncias e currículos? Que experiência-criança se põe a bailar?

Nessa composição, desejamos problematizar as experiências dessas pesquisas ao efetuarem movimentos expansivos e inventivos nos modos de pensar e fazer a educação, produzindo imagens que nos afetam por outras línguas.

Nesse sentido, sustentamos que *A força-invenção nos processos de aprenderensinar e as Experimentações políticas de amizade nos currículos e na formação de professores* fazem suas apostas nas políticas inventivas da escola, nas forças revolucionárias da vida, no tempo aprendente, que atravessam o cotidiano escolar para a reinvenção nas redes de *saberesfazeres*.

A dissertação de Suzany Goulart Lourenço (2015) e a tese de Maria Riziane Costa Prates (2016) entrelaçam composições de vida atravessadas em um aprender como experimentação da amizade, dos bons encontros e afetos alegres como potência e abertura ao processo criativo que tecem outras políticas de aprendizagens, formação e currículos. Criação de bons encontros como força de produção educativa que se foram alastrando pelos movimentos arteiros das pesquisas em busca por modos diferenciais.

Prates (2016), por invenções de aprendizagens afetivas, tece movimentos que potencializam a formação de professores e novos modos de composição de currículos com as crianças na educação infantil. Apostando nos afetos e nas experimentações políticas de amizade como forças revolucionárias, na potência de uma grupalidade que resiste aos engessamentos curriculares e inventa outros modos de constituição docente pelos bons encontros que possibilitam, nessa tese, a imanência de uma vida.

Assim, na tentativa de quebrar com as relações rígidas por relações de amizade no engendramento formativo e aprendente de experimentações coletivas, essa pesquisa emerge outras dimensões éticas e políticas, resistindo e criando outros modos de viver a escola. As tentativas do traçado de um “devir pássaro” em experimentações de uma grupalidade na escola, inventada por professores e crianças, afirmam modos diferenciais de experimentar uma aprendizagem “nômadeafetiva” como forças que se constituem pela micropolítica. No encontro de “um passarinho e seu ninho” ou no encontro de “um casulo, lagartas e borboletas”, as aulas foram-se compondo em meio ao corredor, aos movimentos intensos de experimentações alegres no universo das crianças, que inventam modos outros de compor aprendizagens a partir de desejos, e não de imposições.

A tese narra os afetos, as angústias, as atividades, as vivências que ocorrem em diferentes espaços concebidos por processos formativos de professores na escola, produzindo linguagens como formação. A formação de professores vai constituindo-se como políticas inventivas em outros modos, pelas composições tecidas pelos afetos, na intenção de fazer proliferar linguagens minoritárias, assim como diz a autora: “é preciso se desprender das formas monopólios de pensar a formação ou currículos estabelecidos, para buscar coletivamente processos diferenciais que se ligam aos contornos vividos por professores e crianças [...]” (Prates, 2016, p. 126).

Lourenço (2015) questiona imagens de currículos que se produzem nos cotidianos escolares, problematizando as imagens dogmáticas do pensamento, assim como o modo dogmático de conceber a educação. E, como possibilidade de quebrar essa imagem, faz movimentar o pensamento na composição das forças que atravessam o cotidiano, nas artistagens dos processos de *aprenderensinar*, um movimento inventivo de conceber o currículo que chamou de *CurriculumExperiênciaInvenção*. E, assim, problematiza as tensões que permeiam as experiências de docentes e crianças em roda de

conversas, potencializando a força-invenção nos *espaços-tempos* escolares, na imanência de um campo curricular aberto que possibilita a produção de bons encontros e afetos alegres na escola.

A pesquisa de Prates (2016) clama por devires, possibilidade de sair do viés do planejado, para seguir fluxos momentâneos que pulsam na escola, criando outros modos de relação com o espaço, o tempo, as aprendizagens, fora dos modelos já conhecidos. Nesse sentido, Lourenço (2015) afirma que a potência da *força-invenção* experienciada no cotidiano escolar se distingue das estratégias dos *Curriculos-Codificados* que são reproduzidos nas práticas do sistema arbóreo, dicotômico, fixo, que tentam impedir a produção do novo nos processos curriculares.

Há modos de vida nas escolas que escapam, deslocam e criam outras linhas, outros movimentos não fixos, mas movediços, assim como ressoam as pesquisas de Prates (2016) e Lourenço (2015). Linhas de fuga que desterritorializam, arrastam para outro campo, fazem fugir algo. Fugir não consiste em sair da situação; implica uma imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos inéditos (Deleuze; Parnet, 1998).

Ambas as pesquisas nos provocam a pensar e experimentar os currículos com outros possíveis, outras composições inventivas, na tentativa de fugir dos sistemas instituídos e criar outros espaços-tempos pela via da arte e da potência inventiva da infância como campos de forças de aprendizagens inventivas, pelo deixar-se devir pela pesquisa.

A dissertação intitulada *Curriculo desobediente em sua dimensão dançante*, pesquisa no campo da teorização pós-crítica em educação, discorre sobre os processos curriculares inventivos, demonstrando as experiências feitas em uma unidade de educação infantil, pensadas por professores “desobedientes”. Assim, Kelry Leão Oliveira (2016), a partir de observações no cotidiano, traz os “Projetos de Linguagens” que a escola realiza como elementos potencializadores de práticas educativas que permitem às crianças experimentar novas possibilidades de invenção: “o currículo a dançar pela arte e musicalidade”, na criação. Uma educação e um currículo que mostram resistência aos parâmetros formais por fugir do controle social, “desobedecer às normas”, confirmando que, nos projetos de linguagens da instituição pesquisada, se busca desobedecer à linguagem: crianças ajudam os professores a selecionarem os “conteúdos-linguagens” para serem trabalhados em “situações de aprendizagens”, ou seja, em uma metodologia com as linguagens que podem aparecer por meio da música, da dança, das atividades plásticas-visuais, cênica e outras que se relacionam com as realidades sociais dos sujeitos (Oliveira, 2016).

Assim, Oliveira (2016) afirma que o currículo dessa unidade de ensino se torna transgressor e desobediente porque tenta ignorar o segmento formal de educação que dispõe de um currículo “rígido e engessado” em função de um currículo que se desloca por exercer um espírito de rebeldia e

transgressão, o que abre espaços para novas experiências. Mas, quando o currículo se mostra desobediente? Oliveira (2016, p. 34) aponta que, nas ações com linguagens musicais, as crianças criavam diversos sons, ritmos e expressões culturais que lhes permitiam a abertura para o desconhecido de forma desobediente. Assim, o currículo torna-se desobediente quando toma a experiência e o jogo da criação: sem conceitos, notas e ritmos estabelecidos.

Nas situações de aprendizagens com músicas [...] as crianças não se envolvendo assim que seu corpo sente-se [sic] entrelaçado à música e quando sentem vontade de entrar no jogo; [...] dançam, cantam, pulam, gritam, movimentam-se, criam gestos e expressões por meio dos quais o corpo fala (p. 50).

As crianças, por meio do projeto ‘Cantar e dançar: é aqui em Belém do Pará’, [...] realizaram gestos e movimentos ao som dos ritmos produzidos com instrumentos musicais [...]. Socializavam objetos, cantavam, dançavam e produziam sons de acordo com o desejo de cada um [...], a dança impulsionava o jogo da criação (p. 35).

Esse aprender com a música por meio da arte demonstra uma desobediência aos parâmetros formais de uma educação. As crianças vão ao encontro do outro por meio da música, tomam a palavra quando sentem desejo de entrar e sair do jogo de criação, assim elas permitem dar a palavra ao corpo deixando com que o mesmo diga o que quer. A musicalidade abre caminhos para a criança ir ao encontro do novo e do desconhecido, sem conceitos, notas e ritmos estabelecidos, é o próprio sujeito quem cria o seu ritmo, sua dança, um devir-criança que brota dos sujeitos e os faz dançar em seus desejos: “Ao brincarem de roda, elas sentem prazer em movimentar o corpo, dançando, realizando gestos livres, como pular, correr, cantar [...]” (Oliveira, 2016, p. 50).

Então, como é pensar a educação com essa experiência que “põe o currículo para dançar”? Seria pensar em algo aberto, desapegado da verdade para habitar o *entre-lugar* dos currículos, da infância? Poderíamos dizer que o currículo se mostra desobediente quando as ações realizadas deixam de ser puro formalismo para se tornarem experiência? Como essas experiências se abrem às múltiplas possibilidades de pensar a educação como invenção, como jogo da criação por meio da arte? Para Oliveira (2016, p. 39), “o jogo da criação é envolvente quando todos participam com prazer e alegria, criando uma comunidade mediante o encontro com o outro [...]”.

Imagen 02 – Experiência *Invenções crianceiras*



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

A tese *Curriculum pensado para e com as crianças*, de Ana Paula Maletta (2017), e a dissertação *Curriculum fotografado pelas crianças*, de Thaís Monteiro Ciardella (2019), analisam propostas e orientações curriculares com o objetivo de reconstruir a política em questão, trazendo relações entre a infância e os currículos prescritos nos cotidianos escolares.

Ana Paula Maletta (2017) se propôs analisar e compreender, por meio de um estudo de perspectiva comparada entre dois contextos pesquisados, como as crianças de duas instituições de educação infantil se apropriam dos currículos prescritos e das práticas pedagógicas de professoras, no intuito de responder como o currículo é pensado para e com as crianças: “Os dois contextos pesquisados, brasileiro e português, dispõem de políticas educativas para a infância que trazem em seu bojo orientações curriculares visando garantir uma formação adequada às crianças” (Maletta, 2017, p. 153). A análise de propostas e orientações curriculares aponta o desenvolvimento de competências gerais e específicas dos currículos. Assim, “o currículo pensado para as crianças regula o campo de ação pedagógica das professoras” (Maletta, 2017, p. 228).

Contudo, há outra dimensão de currículo pensado na tese de Maletta (2017) que aponta uma possível saída: um currículo da infância que privilegie a participação das crianças, seus anseios, sua escuta no interior das instituições educativas. A autora defende a possibilidade de uma “escuta sensível” que dê às crianças oportunidade de mostrar como querem aprender e gostam de aprender (2017, p. 153). Então, o currículo vivido pela professora e pelas crianças não poderia ser apenas uma reprodução das orientações curriculares, mas algo vivo entre crianças. Todavia, Maletta (2017)

evidencia que é preciso que os adultos proporcionem “experiências que permitam a esses sujeitos de pouca idade se tornarem adultos plenos e realizados. Implica reconhecer a competência social das crianças [...]”. A tese ora afirma um currículo pensado para a infância como proposta pedagógica, ora elenca um currículo da infância desenvolvido pelas professoras.

Do mesmo modo, Ciardella (2019, p. 122) problematiza o lugar da infância e aponta que “as crianças são competentes e, quando escutadas, contam tanto sobre as percepções que têm a respeito do contexto quanto sobre como fazem uso dos tempos e espaços para participar, produzindo novas lógicas [...]”. Ora, como afirmar que um currículo na perspectiva da infância implica uma formação plena das crianças? Essa afirmação não seria da ordem de uma promessa de futuro a ser esperado? Não poderíamos desejar da escola uma afirmação da vida que se faz no tempo criança? Se propusermos pensar a escola e os currículos como possibilidade de força que afirma a vida, essa afirmação de que adultos precisam proporcionar experiências que permitam às crianças se tornarem adultos plenos e realizados, implicando reconhecer a competência das crianças, como revelam as falas de Maletta (2017) e Ciardella (2019), seria uma perspectiva que se distanciaria da experiência, do acontecimento, do devir-criança. Ora, que infância pode afirmar uma imagem de criança competente? Que competências as crianças têm?

Ciardella (2019, p. 167) dialoga com documentos oficiais, as diretrizes nacionais e o Currículo Integrador da Infância Paulistana e afirma que “[...] existe um empobrecimento dos aspectos sociais envolvidos na apropriação do sistema de escrita, privilegiando exercícios de cópias de letras, textos e números”.

Desse modo, a fim de compreender como as crianças reconhecem e vivenciam seu direito de participar na escola, Ciardella (2019) também cria um “espaço de escuta” a partir de rodas de conversas acerca das fotografias produzidas pelas crianças, no intuito de entender o que elas dizem sobre a escola, aparecendo uma imagem de escola que “desconhece a infância”, uma “imagem empobrecida de criança”, a imagem de um tempo “apressado” que indica a necessidade de criar condições favoráveis à aprendizagem. “Ao analisar as fotografias e as falas das crianças sobre as atividades, observam-se práticas que, desde muito cedo, visam à apropriação de um modelo escolar pronto para ser assimilado pela criança” (p. 149). Por outro lado, as crianças fotografam toda a escola – imagens, desenhos, brinquedoteca, mural, recreio, parque, brincadeiras, livros, banheiro, quadra, objetos –, falam sobre suas experiências, burlam a orientação da professora e oferecem detalhes inventivos das experiências do dia.

Coexistem, nos espaços pesquisados de Maletta (2017) e Ciardella (2019), duas imagens de currículos e infâncias: práticas que apontam um currículo que regula a ação educativa, políticas e

orientações para a infância que pretendem “garantir uma formação adequada às crianças”, no intuito de prepará-las para o futuro; por outro lado, as crianças vivenciam experiências fotográficas, roda de conversas, expressam suas experiências, sentimentos, gostos. Vivemos imbricados entre as grandes e pequenas políticas cotidianas, entrelaçamentos que se cruzam: de um lado, a macropolítica, as linhas duras, as territorializações, os fundamentos arbóreos, as diretrizes e normativas, os programas disciplinares; de outro, a micropolítica, as linhas flexíveis, os deslocamentos, os fluxos, os agenciamentos, a criação.

Os currículos tecidos nos entrelugares (Silva, 2018) e *Fabuloinvenções de crianças nos currículos* (Gonçalves, 2019) põem em suspensão os currículos prescritivos para apostar no tempo *aión*, tempo que interrompe a linearidade e provoca intensidades criadoras vivenciadas nos cotidianos de escolas. Dissertações que problematizam a criança, a infância, os currículos, tecendo críticas à Base Nacional Comum Curricular como um documento homogeneizador na composição de currículos produzidos com crianças, apostando em um currículo menor, na micropolítica da escola, que considera a vida dos estudantes, as lutas políticas e epistemológicas, a natureza criativa dos sujeitos, uma educação afetada pelo *devir-criança*. Assim, a docência, a aprendizagem, os currículos não seriam controlados por regras ou guiados por programas. O que está em jogo não é o que deve ser ou fazer em educação, mas a vida que transborda na experiência, na atividade inventiva que opera contra as formas, os modelos, as regras, o controle, a disciplina dos corpos, os limites do trabalho docente.

Tamili Mardegan da Silva (2018), com imagens e narrativas do cotidiano escolar, problematiza os currículos tecidos nos *entrelugares*, na travessia da criança da educação infantil para o ensino fundamental, concebidos como multiplicidades de processos que movimentam os espaços-tempos escolares. Sustenta a ideia de que um currículo produzido pelas infâncias vai além do que é pensado oficialmente. O cotidiano escapa dos planejamentos previstos e do jogo da regulação em esforços produzidos na micropolítica: uma contação de história, por exemplo, agencia as crianças em novas experiências: uma criança que, sem nunca ter ido a um cinema, imagina o que é estar lá e, agindo fora do padrão, quer fazer da sala de aula aquele lugar que ela deseja experienciar. Assim, as crianças vão interrompendo as lógicas em seus modos de escapar. Enquanto os adultos estão tentando fazê-las seguir paradigmas arborescentes, elas estão usando táticas fugitivas, escorregando em meio à hierarquização, sem que se importem se é brincadeira ou aprendizagem (Silva, 2018).

Camilla Borini Vazzoler Gonçalves (2019) caminha por um *labirinto escola*, cartografando conhecimentos, linguagens, afetos e afecções potencializados pela docência das professoras e as *fabuloinvenções* das crianças produzidas nos agenciamentos curriculares da educação infantil, problematizando, assim, os modos que elas compõem e fabulam com as professoras outros currículos,

nômades, rizomáticos. Ao fabularem, as crianças criam processos imanentes de aprendizagens que não cabem em procedimentos universais, códigos alfanuméricos como preceitua a BNCC, mas que se dobram em mundos possíveis (Gonçalves, 2019). *Fabuloinvenções* como potência da dobra que atravessa o currículo, operando os acontecimentos que, para Deleuze (1974), são como os cristais que se transformam e crescem pelas bordas. Assim, as dobras dessa pesquisa trazem uma descrição das capturas, no *labirinto escola*, que se tornam cristalinas, e não orgânicas. A descrição cristalina não existe fora do próprio mundo que a constrói, por isso é um cristal do tempo (Deleuze, 2007). Trata-se de investir no tempo como cristal, e o que se vê no cristal é o tempo não cronológico.

Que outras dobras essas pesquisas nos provocam? O que reverbera desse corpo coletivo à invenção de outros traços? Há, na potência da pesquisa de Gonçalves (2019), uma aposta nas *fabuloinvenções* das crianças que indicam outros possíveis para pensar os currículos. Mas como deixar vazar e afirmar a infância do pensar nos currículos? Como podemos provocar outros “movimentos aberrantes” sem sermos reconduzido ao mesmo espaço já percorrido?

Imagen 03 – Experiência *Isto não é um/uma....*



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

Assim, *Curriculos inventados com as fotografias da Malu* adentram lugares, espaços e tempos com crianças pequenas em busca de experienciar uma composição imagética para pensar a criança, a educação infantil e o currículo. Em constante movimento e caminhos incertos, Camargo (2019), com as crianças, permite-se errar e produzir discursos outros na educação infantil e no currículo.

Uma professora pesquisadora que não procura certezas, verdades, modelos e formatos, mas caminhos outros para pensar currículos crianceiros. Assim, buscou despir-se das amarras e modelos institucionalizados, aventurando-se nos encontros com as crianças, brincando com processos criativos. Convida-nos a pensar em outras maneiras de ser e estar na infância com as crianças por meio de imagens, criando invencionices, inventando um currículo, tendo por foco as fotografias produzidas por Malu: uma criança de três anos, cega de nascença que, com seu olhar singular, fotografa a escola, as crianças. “As imagens produzidas pelas mãos e ‘olhares’ atentos da Malu, me parecem um clamor, uma forma de nos colocar numa relação de escuta das vozes/imagens que ecoam no cotidiano, uma possibilidade de aguçar e inverter os sentidos, de nos atormentar a visão, o olfato, o tato, o paladar...” (Camargo, 2019, p. 166).

Assim, traz, em toda a sua escrita, a potência da infância para pensar o currículo da educação infantil em meio às imagens produzidas por Malu, que sente a experiência com o corpo todo. Há algo pulsante que afirma uma experiência outra, um devir-criança, evocando imagens de uma escola da infância. As fotografias de Malu, sem caminhos certos nem verdades, convidam-nos a pensar em currículos plurais: arteiros, crianceiros, infantis. Um currículo arteiro que traz “a arte como potência para as produções e experiências das crianças. Arte que perpassa e conecta corpo, cultura e todas as dimensões da criança” (Camargo, p. 122). Esta tese, *Fotogra-fando infâncias*, afirma um “a-curriculum”, contrário às lógicas hegemônicas, às normas, aos padrões, a uma única Base Comum Curricular imposta pelo sistema.

O que pode um currículo imagético nos provocar, afetar e nos fazer pensar em outros modos de fazer currículos com crianças? Como essas pesquisas nos convidam a brincar, a criar, a imaginar, a nos situarmos em outros territórios? Um currículo menor que não se rende aos mecanismos de controle, às verdades, mas que escapa, produz multiplicidades, age nas brechas. Experiências que nos convidam, em sua força afirmativa, a inventar currículos outros.

Imagen 04 – Experiência imagética de crianças



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

Enquanto, por um lado, aparecem nas pesquisas de Lourenço (2015), Prates (2016), Oliveira (2016), Silva (2018), Gonçalves (2019) e Camargo (2019) um currículo que cria, experimenta, inventa, potencializa, desloca, foge, por outro, as escritas que aparecem nas pesquisas de Maletta (2017) e Ciardella (2019) parecem afirmar imagens fragilizadas de currículos, um modelo escolar controlador, descaracterizando, de certo modo, as brincadeiras, a experiência, a potência, a invenção, em detrimento de um currículo prescritivo que regula a ação pedagógica das professoras nos cotidianos escolares, de orientações que pretendem “garantir uma formação adequada às crianças”.

Ora, se as pesquisas de Maletta (2017) e Ciardella (2019) demonstram e marcam análises dos documentos oficiais, escolhem falar sobre eles; as outras pesquisas apostam na resistência deles, apontando o tempo *aion*, a infância, as potências e invenções da vida na escola com crianças e professoras, fugindo de verdade estabelecida.

Camargo (2019) experimenta com as crianças uma composição sem verdades, longe dos modelos institucionalizados, aventurando-se nos encontros com as crianças, criando invencionices. Lourenço (2015) compõe uma cartografia das experiências de docentes e crianças como potência de vida na escola, apostando no *CurriculumExperiênciaInvenção*. Prates (2016) cartografa políticas

inventivas, composições de vida na formação e nos currículos como experimentação dos bons encontros e afetos alegres. Oliveira (2016), Silva (2018) e Gonçalves (2019) fazem suas apostas na micropolítica do currículo, na vida dos estudantes, no tempo *aión*, na criação cotidiana de currículos produzidos com crianças.

Imagens-pesquisas que provocaram aberturas, lançando-nos em outros mundos inesperados entre crianças e currículos. Um currículo que se insere no jogo da criação: clandestino, poético, imagético, crianceiro, que cria invencionices e abre espaços para outras experimentações, outros modos de expansão, contágio, povoamento, encantos.

Que ousemos pensar com essas imagens-pesquisas, um currículo outro. Um currículo que se coloca em maneiras outras de viver a escola. Um currículo em devir. Um currículo que experimenta a potência do pensamento no encontro com o que nos força a pensar: os signos da arte.

Afirmamos currículos em redes de afetos, conversações e ações complexas (Carvalho, 2009), tecidas e compartilhadas nos cotidianos escolares, compondo múltiplas e diversas dimensões vividas pelos seus praticantes. Currículos que produzem aberturas, conexões, rupturas, deslocamentos, forças inventivas, linhas variadas de vida na escola.

Nessa perspectiva, emergiram afetos que têm nos provocado na composição da Tese de Doutorado *Poéticas das Infâncias: fabulações de crianças em currículos e experiências*, defendida em julho de 2025 (Piol, 2025), na Universidade Federal do Espírito Santo. Uma pesquisa que experimenta com infâncias, crianças, pensamentos, poéticas, no encontro entre os signos artísticos e a experiência de pensamento, que potencializam os currículos nas fabulações das crianças, afirmindo aprendizagens inventivas na escola pública.

Assim, a tese explora um currículo que propõe encontros com a invenção, produz imagens e poéticas de crianças que nos convidam para pensar em um devir-criança que adentra e brinca em outros espaços-tempos no fazer sensível das experiências curriculares. As crianças inventam modos para escapar das tentativas de controle sobre seus corpos. Corpos que se afetam, que sensibilizam outros corpos no encontro provocador do pensamento, produzindo devires em movimentos estéticos de vida nas composições de currículos e, assim, fazendo emergir outros possíveis para a escola.

Imagen 05 – Experiência imagética



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

Meu aniversário

Chegou o dia.
O dia mais feliz.
É meu aniversário.
Eu já estou bem bonita esperando todos os meus amigos pra festa começar.
Tem bolo, doces e pipoca.
Tem refrigerante também.
Pupa-pula e algodão doce.
Para pular, brincar e comer.
Vou ganhar um monte de presentes.
E brincar sem parar.
(Produção da pesquisa, 2023).

Curriculos poéticos e imagéticos que brincam no tempo das invencionices crianceras em uma composição que dialoga com Deleuze e Guattari, Deleuze e Parnet, Corazza, Kohan, Leite, Larrosa, Carvalho, e muitos outros, pela força dos afetos. Desse modo, as crianças, em seus processos imanentes de experiências e fabulações, convidam a escola a pensar os currículos, as infâncias, outros mundos, como tentativas de provocar aberturas no tempo da criança. Assim, na força pulsante da infância, a tese produz imagens de currículos inventivos com crianças, que experimentam outros modos de existências.

3 SEGUIMOS EXPERIMENTANDO A POTÊNCIA DAS PESQUISAS

Essas pesquisas compõem um conjunto de sensações que se movimentaram de modo vivo entre infâncias, crianças, docências, escolas, potencializando modos de vidas, espaços, encontros, afetos, agenciamentos, pensamentos para a invenção. Um mosaico das múltiplas aproximações com a infância na arte de criar outros possíveis nos currículos, na docência, nos processos formativos, nas escolas públicas brasileiras.

Pesquisas que nos ajudaram a pensar e enredar em nossos processos educacionais experiências abertas às sensibilidades do mundo, da vida, das experiências educativas. Ora, experimentar modos que engendram alegria, invenção, experimentação, em práticas de liberdade nas pesquisas educacionais, constitui mundos desejantes com crianças e infâncias.

Colocamo-nos, pois, à espreita de modos menores para a educação, de acontecimentos éticos num constante exercício de produção de multiplicidades que provocam deslocamentos nos modos de ser e fazer majoritários que buscam enquadrar as experimentações curriculares.

Imagen 06 – Experiência *Invenções crianceiras*



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2023).

O propósito deste texto consistiu em evidenciar a força das pesquisas educacionais em educação, na dimensão da experiência, da infância, presentes em dissertações e teses que potencializam a problematização das atuais políticas educacionais e abrem possibilidades de outras experiências e políticas educacionais.

Nesse mapeamento cartográfico, percebemos a força das experiências de crianças e professoras atravessando o campo dos currículos, da docência, dos processos formativos no campo educacional em diversos lugares do Brasil; forças que nos tocam, nos afetam, nos alegram e nos potencializam a inventar outros modos de fazer pesquisa em educação.

Em *O ato de criação*, Deleuze (1999) nos convida a experimentar uma vida como obra de arte, uma estética da existência que pode ser pensada como ato de resistência, como ética possível para a reinvenção de nossas próprias vidas, assim como essas pesquisas em educação que resistem ao entregar-se à experiência em uma fabulação de vida com crianças, infâncias, professores/as, escolas; o que cabe pensar: que efeitos o campo das pesquisas em educação terá ao expandir a potência das infâncias nos currículos? O que uma vida docente se propõe a experimentar em nossas pesquisas?

Provocamos, pois, um convite para continuarmos problematizando e experimentando a potência das pesquisas em educação, das infâncias, do pensamento, da arte, das crianças, das professoras, nas aberturas e aventuras de um devir-pesquisa que nos permitem *criançar* na experiência da vida, na experiência da pesquisa. Pesquisar com crianças e infâncias é aventurar-se em espaços nômades, é experimentar um tempo sensível, de afetos e surpresas, é estar à espreita de algo por vir.

Colocamo-nos à espreita de modos menores para a educação, de acontecimentos éticos num constante exercício de produção de multiplicidades que provocam deslocamentos nos modos de ser e fazer majoritários que buscam enquadrar as experimentações curriculares. Que continuemos, pois, persistindo nas iniciativas curriculares, em movimentos que se desdobram em outros agenciamentos, em composições de vida nos currículos, pondo-se em devir.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Janete Magalhães. O cotidiano escolar como comunidade de afetos. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.
- CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. Foto-grafando infâncias: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil. Tese de Doutorado. UNESP, 2019.
- CIARDELLA, Thaís Monteiro. “As escolas são tudo igual – só muda as crianças”: o ensino fundamental fotografado pelos alunos. Dissertação (Mestrado em Educação). FEUSP, 2019.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do Sentido. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- _____. A imagem-tempo. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. Brasiliense. 1. ed., 2007.
- _____. O ato de criação. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- GONÇALVES, Camilla Borini Vazzoler. As fabuloinvenções das crianças nos agenciamentos dos currículos. Dissertação (Mestrado em Educação). UFES, 2019.
- LOURENÇO, Suzany Goulart. A força-invenção da docência e da infância nos processos de aprenderensinar. Dissertação (Mestrado em Educação). UFES, 2015.
- MALETTA, Ana Paula Braz. O currículo pensado para, por, entre e com as crianças: aproximações e distanciamentos entre o contexto brasileiro e o português. Tese de Doutorado. PUC-Minas, 2017.
- OLIVEIRA, Kelry Leão. Um currículo dança? Perspectiva pós-crítica de currículo e infância a partir dos projetos de linguagens da UEI Cremação, Belém-PA. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2016.
- PAIVA, Jair Miranda de. Filosofia e criação na escola: entre estrato e linha de fuga. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 39, p. 55-70, jan./abr. 2016.
- PIOL, Andréa Scopel. Poéticas das Infâncias: fabulações de crianças em currículos experiências. Tese de Doutorado. UFES, 2025.
- PRATES, Maria Riziane Costa. A força revolucionária das experimentações políticas de amizade, alegria e grupalidade nos currículos e na formação de professores da educação infantil. Tese de Doutorado. UFES, 2016.
- SILVA, Tamili Mardegan da. Os entrelugares educação infantil-ensino fundamental: o que podem os currículos tecidos com os cotidianos das escolas? Dissertação (Mestrado em Educação). UFES, 2018.